

D. Sebastião king size

JAIME MILHEIRO (*)

MARIA JÚLIA VALÉRIO (**)

INTRODUÇÃO

Em 10 e 11 de Fevereiro de 1983 realizou-se em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, um colóquio interdisciplinar sobre «O Sebastianismo», onde foram apresentadas várias conferências por vários autores. No programa, a Comissão Organizadora dizia: «Numa época em que latente-mente a fantasia de vinda do Salvador se torna mais e mais presente, falar do Sebastianismo é repensar de uma outra maneira a nossa identidade.

Por isso — mas não só — a realização deste Colóquio, que se pretende interdisciplinar, consubstancia o desejo do encontro de diferentes vertentes (diferentes leituras) de D. Sebastião e da fantasia colectiva do Sebastianismo.

Seguramente que não temos a ilusão de levantar o nevoeiro que encobre (que nos encobre), a nós e ao Rei perdido em Alcácer. Mas fazer um pouco de luz através da História, da Arte, da Literatura, da Psicologia e da Psicanálise, por outras palavras, fazer cultura, é saber um pouco mais do Encoberto que existe em cada um de nós.»

(*) Psicanalista. Delegado da Zona Norte do Instituto de Assistência Psiquiátrica.

(**) Psicóloga do Centro de Saúde Mental de Vila Nova de Gaia.

Esta novela psico-histórica, apresentada sob a forma de conferência, foi a nossa forma de ver este assunto e o nosso contributo para a sua análise e solução.

I

Quatrocentos anos de história representam curto intervalo de tempo quando encarados em termos de mudança no que diz respeito ao interior dos seres humanos. O ritmo evolutivo da espécie é tão lento que se torna impossível descortiná-lo olhando até onde podemos ter notícia — por isso se fala de estruturas psicológicas iguais, sensivelmente iguais, no passado histórico e no presente, verificáveis na simples leitura dos produtos que ao longo dos séculos vão ficando. As manifestações artísticas em geral e sobretudo as literárias, que forçosamente projectam expressões reveladoras e nos dão conta das angústias, das leis interiores de quem escreve e do ambiente psicológico circundante, disso nos prestam inabalável confirmação. Quando falamos da actualidade da tragédia grega ou dos escritos de Sócrates e Platão, da universalidade dos mitos ou do profundo significado das histórias bíblicas ou doutras culturas religiosas, queremos apenas dizer que esses homens eram como nós, sentiam como nós,

pensavam como nós, sofriam como nós. Os mais profundos investigadores da complexidade humana neste século, os maiores conhecedores do seu funcionamento, das suas motivações e das suas formas de expressão, encontram sólidos pontos de referência nessas antiguidades, porque nada mudou até hoje que se visse. Quatrocentos anos são um breve soluço para esse efeito. As leis interiores dos homens não mudaram, o que pode ter mudado é a sua regulamentação. E essa regulamentação pode ter mudado porque depende já dum outro tipo de factores, as chamadas leis sociais, inscritas noutra tipo de registo e com determinações próprias provavelmente específicas. Essa regulamentação depende da adaptação das primeiras às segundas e da necessária e constante conjugação que entre ambas se estabelece, de forma mais ou menos estável ou mais ou menos conflitual, num esquema geral de influências mútuas e reciprocidades que constituem o motor daquilo a que se chama a visão dinâmica da história. Evolui de facto de forma cuja visibilidade é já possível descortinar e constitui causa e consequência do motor referido, criando por si só, ao mesmo tempo, novos tipos de fenómenos, com novos tipos de ordenações e movimentos que constituem as chamadas épocas que por sua vez fomentam diferentes formas de ver o presente e diferentes leituras do passado histórico. Mantêm-se porém, apesar disso, aspectos básicos repetitivos — há também aqui uma espécie de compulsão à repetição — a história repete-se como é vulgar dizer-se — (Portugal repete-se) — e se muda a regulamentação não mudam os homens nomeadamente nos seus caprichos e sobretudo quando detêm o poder. Mas cada época traz consigo uma nova leitura e uma nova descoberta.

D. Sebastião existiu há 400 anos, é um facto consumado e era exactamente igual a D. Sebastião King Size cuja descoberta nos preocupa e cuja história à dele se sobrepõe de forma espantosa, quase dia por dia,

com esse intervalo de 4 séculos. Se temos hoje claro conhecimento das consequências do primeiro, não as podemos ter ainda relativamente ao segundo. Só mais tarde se verá. No entanto convém acentuar que não foi D. Sebastião quem criou o Sebastianismo, ele não tem disso culpa nenhuma, foram os Sebastianistas que o criaram em cima da sua figura histórica e num determinado momento histórico do povo a que pertencem. E criaram-no acima de tudo por uma espécie de necessidade interior, deles, Sebastianistas, prolongando-o depois e espalhando-o sob a forma de mito por todo um povo que dele igualmente se encontrava avidamente necessitado. A necessidade, neles e no grupo carente, místico, advém e surge com a finalidade de, através dele, se poderem solver graves dívidas de jogo, que por mal jogado se torna mais culpabilizante. Tudo se passa como se todos estivessem comprometidos numa empresa falhada e, para ultrapassar a depressão da perda, desse modo negassem o passado e o seu remorso, usando formas ilusórias e fantásticas com intenção reparadora. O que pode levantar a questão de saber até que ponto a ilusão é uma inerência e quais os momentos em que ela pode assumir mais importância do que a própria realidade nua e crua.

Convenhamos portanto que D. Sebastião, Sebastianistas e Sebastianismo, se constituem aparentemente um todo interpenetrado, uma análise mais detalhada os pode separar e eventualmente mesmo isolar completamente. As leis de D. Sebastião são diferentes das dos Sebastianistas — é perfeitamente possível haver Sebastianistas sem D. Sebastião — e são ainda diferentes das do Sebastianismo — é perfeitamente possível haver Sebastianismo sem D. Sebastião e sem Sebastianistas apresentados como tal. Daí que o descer às realidades pessoais, por si só, não resolva coisa nenhuma no que respeita ao fenómeno ilusório e à ingenuidade que o Sebastianismo em si mesmo comporta. O seu estudo, no entanto constituirá de alguma

forma caminho, porque se a figura-suporte-aparente for desvendada, mais dificilmente dela decorrerão todos os fenómenos consequentes, embora saibamos que, a ingenuidade, que é palavra racionalista de intelectuais, existirá eternamente e portanto nem sequer deverá ser depreciada, porque é característica básica de todos. Pensamos que uma das missões dos intelectuais de um povo é tentar renovar, corrigindo aquilo que não pode ser desfeito — renovar neste sentido é já prevenir — e renovar é dar-lhe forma actual mais consentânea com a leitura dos nossos dias. Ao fazer isso analisa-se e analisar é retirar carga pelo desinvestimento que silenciosamente decorre no seu próprio processo. Recriar o Sebastianismo desta forma não é Sebastianizar, pensamos nós, é precisamente o contrário.

A figura-suporte do fenómeno Sebastianista, que supomos universal, tem obrigatoriamente de obedecer a determinadas características para manter credibilidade:

- aparecer ou ser divulgado em época propícia — época em que os povos se encontram grávidos de uma figura redentora;
- deter situações de comando que induzam movimentos de repercussão histórica finalizados de preferência com a sua morte, de forma mais ou menos heróica;
- exercer um suficiente fascínio sobre a multidão ignara, real ou artificial, para que possa ser tomada como modelo, no momento ou *à posteriori*;
- ser considerado elemento principal de vitória física ou moral ou de derrota suficientemente significativa, ainda que tudo isso tenha sido inventado pelos cronistas-historiadores;
- ser suficientemente jovem na altura da sua morte para que nele todos possam rever tudo quanto desejaram fazer e não fizeram na sua própria juventude, ou, em alternativa, ser suficientemente

velho para que uma impregnação de sabedoria de forma sólida dele transpire e que respeitosa por essa via se consigam os mesmos fins.

A D. Sebastião que tudo isso reunia a nossa eterna saudade! Aos Sebastianistas e ao Sebastianismo os nossos respeitosos cumprimentos!

II

Nasceu em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554.

Chamaram-lhe Sebastião em honra do santo nesse dia celebrado.

Foi desejado. Talvez não pela mãe, talvez não pelo pai, mas com certeza por todo um povo.

Aos 3 anos e meio foi rei, aos 14 anos assumiu o poder e aos 24 morreu.

Alcácer-Quibir é, ainda hoje, sinónimo de desgraça e reza-se para que o nevoeiro se adense, a bruma turve completamente a visão e dela Ele surja, tornada a incerteza da sua morte na possibilidade da nossa salvação.



É educado pelos jesuítas...

... Gosta de escutar o badalar dos sinos, aos 9 anos já quer jejuar na Quaresma, com prazer participa em missas e cerimónias religiosas. É, no dizer da época, «devoto e mui abeatado». Desde criança considera um gostoso dever assistir aos autos do Santo-Ofício, oferece-se como voluntário para queimar em próprias mãos livros proibidos e roga a Deus que o faça «mui casto e zeloso de dilatar sua santa fé por todas as partes do mundo».

Na convicção de que Deus o destinara para grandes feitos...

... Morre em Alcácer-Quibir aos 24 anos.



Nunca conheceu o pai.

O príncipe D. João, seu pai, fora, desde o nascimento, uma criança muito doente. Aos 3 anos ainda não largara inteiramente o peito da ama nem pronunciara qualquer palavra. Aos 13 anos dormia nos aposentos dos pais; aos 15 casaram-no.

Dele, dizem os cronistas que só junto da esposa se sentia bem. Tendo adoecido, dela o separaram «convencidos de que a doença procedia da demasiada comunicação e amor com que se havia com a princesa sua mulher».

Faleceu com 16 anos, 18 dias antes do nascimento do filho.

Seu avô, D. João III, morreu em 1557, tinha D. Sebastião 3 anos e meio. Deixou-nos notícia do seu carácter sombrio e melancólico, de uma noiva roubada pelo pai, de fanatismo religioso, do estabelecimento da Santa Inquisição, da perda de algumas praças em África e, segundo alguns, de uma completa subjugação à vontade da mulher.

Sem pai e após a morte do avô, D. Sebastião é aclamado rei. Desde então, o seu lugar é sempre o primeiro em todas as cerimónias públicas.

Desde criança demonstra particular gosto pelo exercício físico, sendo adestrado nas artes e manhas de bom caçador e cavaleiro. Cedo começa a correr canas e touros, a jogar lança e a montar touros bravos. Aos 11 anos mata o primeiro touro. Gosta de enfrentar o perigo; tempestades e temporais deliciam-no. Por volta dos seus 15 anos, quando em Lisboa se começam a sentir os primeiros rebates de peste resolve visitar outras cidades prudentemente distantes.

Sem pai e com um reino, à passagem por Alcobaça e pela Batalha decide abrir as sepulturas dos reis seus antecessores, apelida de cobardia a prudência dos anciãos, toma a dianteira em torneios e batalhas e,

numa demonstração de despudorada bravura,

Morre em Alcácer-Quibir aos 24 anos.



Sua mãe, D. Joana, tinha nos jogos de devoção seu entretenimento predilecto. Casada aos 17 anos, de carácter seco e altivo, nas ausências do marido cobria a cabeça com uma touca e afastava-se de todo o convívio. Ocultaram-lhe a morte do marido, da qual só tomou conhecimento após o nascimento do filho. Imediatamente regressou a Espanha para não mais voltar.

Aos 4 meses, D. Sebastião fica entregue aos cuidados da avó, com quem vive até tomar conta do governo do reino. Enquanto não completa 7 anos come e dorme nos aposentos da rainha. Depois tem aposentos separados mas todos os dias visita a avó de quem ouve conselhos e repreensões. D. Catarina também frequentemente o procura no seu quarto para ver se há «nele ou nos que lhe assistem que advertir e emendar».

De inteligência arguta e carácter forte e decidido, D. Catarina procura activamente influenciar o neto, incutir-lhe os seus preceitos e levá-lo a agir de acordo com a sua vontade.

Imediatamente após a tomada do governo, D. Sebastião deixa de consultar a avó, ao que se tinha comprometido, e as relações entre os dois tornam-se progressivamente mais tensas, reduzindo-se os contactos a estratégicas conveniências políticas.

Nas visitas à avó não só o desgosta a obrigação de lhe escutar as intermináveis prelecções como o ver-se rodeado por elementos do sexo feminino, pelo qual sempre demonstrou profunda repugnância.

Tão intenso é o seu amor pelas artes guerreiras como enorme é a sua aversão pelas mulheres. Não as toca e não as olha.

Nas inúmeras negociações para o seu casamento procura financiamentos para a empresa africana.

Não se casa.
Mas vai a África.
Não tem festa de núpcias.

Mas as embarcações que o conduzem a Arzila vão profundamente ornamentadas de galhardetes e bandeiras, sedas e ouro, proliferando no seu interior as baixelas de prata, as guitarras, os manjares, as conservas, os doces e os vinhos.

Diz o embaixador espanhol que «falar-lhe em matrimónio é falar-lhe de morte». E...

Em Alcácer-Quibir, aos 24 anos de idade, morre no campo de batalha.

★

Na sua família a consaguinidade acumula-se há várias gerações. Os seus pais eram primos direitos ao quadrado, (co-irmãos). Dos nove filhos de seus avós paternos só dois sobreviveram, para morrer precocemente.

D. Sebastião não tem apenas o lábio inferior pendente típico da Casa de Áustria. É acentuadamente assimétrico: todo o lado direito é mais comprido do que o esquerdo.

Aos 11 anos começa a sofrer de uma doença que consiste em «expelir pelos seus órgãos certa substância ou purgação, que aumenta ou diminui conforme ele se excede ou restringe nos exercícios que pratica». Alguns médicos diagnosticam gonorreia. Apresenta, ainda, persistentes cefaleias, desmaios e arrefecimento súbito do corpo.

Apesar da cronicidade do seu mal, D. Sebastião nunca o admite, não podendo suportar que o saibam doente. Com o pensamento totalmente absorvido pela guerra de África procura, em exercícios físicos que lhe agravam a doença, adquirir a resistência e vigor necessários para ser o primeiro em combate. Assim lho exige a sua orgulhosa convicção de invencível.

Adquire destreza e força física.

É vencido e derrotado.
Em Alcácer-Quibir, aos 24 anos de idade.

★

Chamam-lhe «o desejado».

No seu nascimento, ardentemente ansiado, repousaram esperanças de independência.

Algumas resoluções da corte revelam os desígnios a seu respeito, num espírito que se manifesta logo nos primeiros capítulos.

«Cap.º 1.º — Que El-Rei Nosso Senhor, tanto quanto for nove anos, se tire dantre as mulheres e se entregue aos homens.»

E também:

«[...] Vista à Portuguesa, coma à Portuguesa, cavalgue à Portuguesa, todos os seus actos sejam Portugueses...»

Educado num ambiente em que, perante a eminente perda de grande número de possessões, se exaltam, mais do que nunca, os feitos passados em que as empresas guerreiras de D. João I e D. Afonso V são apontadas como bons exemplos, D. Sebastião, de imaginação exaltada, depressa se identifica aos heróis de tempos idos e se prontifica a seguir-lhes o destino.

Todos os seus escritos, numa linguagem confusa e obscura, revelam uma obcecante convicção no poder das suas ideias, uma alarmante segurança na inquestionabilidade dos seus argumentos, uma sublime certeza de invencibilidade.

Enquanto os Portugueses lamentam a perda das suas possessões...

D. Sebastião não chora...

Tira-se dantre as mulheres.

Veste à Portuguesa, come à Portuguesa, afronta tempestades à Portuguesa... faz tudo à Portuguesa.

Não tem pai, não tem mãe, mas tem um reino.

O reino não tem dinheiro, não tem governo, mas tem D. Sebastião.

E D. Sebastião quer lutar, quer conquistar.

Nele está o desejo e África é o seu objecto.

Temerariamente, parte à procura.

Em Alcácer-Quibir, a 4 de Agosto de 1578, sem a espada de Afonso Henriques que consigo transportara mas da qual se esquecera no barco, e sem a coroa de ouro, despedido de sedas e pratas, aos 24 anos de idade, D. Sebastião encontra na morte a eternização do desejo.

Morre de forma estranha porque escolhe para combater uma hora imprópria... na força do calor, à hora da sesta... contra a opinião de todos... sem que ninguém compreenda a razão de tal escolha.

Sem África, sem rei nem roque os portugueses esperam a vinda do desejado, desse Sebastião, imagens em espelho, projecção, miragem no nevoeiro que, porque nunca morreu e nunca existiu, assim se mantém vivo.

III

Conheci D. Sebastião em 1972, 6 anos antes da sua morte e tive oportunidade de, até 1977, através de longas conversas acontecidas ao sabor do acaso e sem registo, tratar com ele um íntimo reconhecimento.

Contou-me bastante de si, mesmo naqueles aspectos em que sentimentos íntimos são naturalmente defendidos em toda a gente — contou-me o que apenas a uma pessoa se conta — e se hoje aqui divulgo alguns pormenores, faço-o em sua homenagem, ciente da sua concordância porque em primeiro lugar não passam de pormenores e porque ser herói seja do que for, foi sempre o seu primeiro desígnio na vida e isso aqui se cumpre.

Conheci-o em circunstâncias nada protocolares, com 18 anos na altura, embora já lhe soubesse da existência desde a minha própria infância. Ele vivia em enorme palacete do século XVI, de aspecto peculiar, onde surpresa seria se fantasmas não houvesse, construído em ponto alto que cumeava um morro sobranceiro ao rio, de acesso

difícil através de rua estreita e relativamente perto da minha casa situada nas bases. Num fim de tarde em que passeava despreocupado, fui brutalmente acordado pela eminência de atropelamento grave. Alguém que gritava ao conduzir uma pavorosa motocicleta, em ziguezague e a toda a velocidade, parecia querer provocar isso mesmo. Desviou-se no último momento e colidiu frontalmente com a parede mais próxima. Na ajuda que lhe procurei prestar, encontrei-o inicialmente furioso e barafustando contra mim, mas a breve trecho reparei que se foi tornando pouco a pouco deprimido. Curiosamente, não era a dor física que o incomodava apesar de marcas evidentes, era sobretudo a dor moral que o deprimia, a dor de ser visto estatelado no chão e ter sido ajudado por alguém a levantar-se. A dor de não ter sido suficientemente exímio para fazer a curva à velocidade que se propusera. Pela minha parte e uma vez ciente de que era «outro» afinal o alvo dos seus instintos destruidores, pude estabelecer conversação que, por circunstâncias de acaso e certa simpatia mútua, se repetiu inúmeras vezes, na rua, no café, em casa, irregularmente, durante um período de 5 anos. Dizia-me que gostava de o fazer, porque eu lhe fazia lembrar um tio «Prudente» que vivia em Espanha, intimamente apreciado no seu poder, havendo no entanto uma diferença para melhor e a meu favor — eu não lhe dava os tradicionais conselhos que abominava porque desde criança e até onde se lhe tinham conseguido impor nunca lhe tinham feito outra coisa. A sua atitude geral, arrogante e provocatória, sempre presente no desafio aos conselheiros, certamente constituía algum contraponto compensador. Por vezes procurava-me deliberadamente num movimento onde havia um toque de humildade que ninguém nele ousaria sequer imaginar. O seu mundo interior tumultuoso e difícil, a abundância das suas contradições e o comportamento anárquico e irregular, sempre me despertaram sérias apreensões

quanto ao futuro. Perdido da minha vista em 1977, nunca pensei que o seu trágico fim pudesse acontecer logo no ano seguinte, apesar dos projectos fantásticos que por essa altura me referia, e que foram por mim erradamente tomados como mais uns, iguais a tantos outros que as suas tendências periodicamente reformulavam. Aqui me penitencio intimamente, como todos os portugueses o devem fazer perante o sucedido.

Nessa altura com efeito, já se propunha reconquistar Angola aos inimigos da fé; seguir-se-ia Moçambique e finalmente iria lançar-se ao bocado mais apetecido — a Índia. Afirmava ter planos para, pelo menos reconquistar os 3 territórios portugueses miseravelmente abandonados em 1961: «Goa, Malaca e Ormuz» no seu dizer.

Do nosso diálogo, acontecido sem premeditação no tempo e quase sem fio condutor, que não supunha as finalidades que hoje nos preocupam, resta uma imagem apesar de tudo iluminada, clara como um fogacho na noite escura dos inúmeros outros pensamentos escutados no decorrer dos tempos. A sua figura, a imagem visual do seu pensamento tornado forma, ressurgeme agora, volvidos estes anos e nesta época de reflexão procurada, revestida duma importância não prevista mas envolvida de nevoeiro característico. O desejado regressa-me no pensamento em moldes de tradição. Trata-se no entanto de um nevoeiro diferente do habitualmente conferido à manhã futura da redenção dos povos, que iniciada em cor cinzenta se transformará progressivamente em espantosa manifestação de múltiplas cores, símbolos das vitórias sempre alcançadas e das derrotas que nesse instante deixaram de ser sofridas. Não há vitória sem alegria, nem alegria sem cor. Trata-se antes do nevoeiro que envolve o pensamento desaparecido em noite escura, levado para local e tempo desconhecido e profundo, donde não pode haver memória a não ser através do sonho. O sonho recorda-se de manhã, mas o seu conteúdo está obrigatoriamente enevoado

pela deformação a que as pessoas e os povos tiveram de lançar mão para o poder fabricar e desse modo satisfazer os seus mais recônditos desejos e as suas mais proibidas culpabilidades. Mas os sonhos, como todas as loucuras que em si mesmo comportam, são indispensáveis à vida — só os loucos não sonham —, por isso mesmo ficaram loucos.

O nevoeiro de agora é o meu próprio nevoeiro acumulado pelos anos de existência e pela distância, que embora denso se clarifica à medida que as agulhas da lucidez e da identificação recíproca o vão pouco a pouco penetrando e que, por seu intermédio, do cinzento se vai fazendo luz.

Muitos anos se passaram de facto, tantos quantos os de vida de cada um, ousaria dizer se mo permitem. Da sua imagem só recordo (só assim é possível recordar) porque fascínio existia, um estranho fascínio que sobre toda a gente exercia, o mesmo que hoje aqui nos reúne.

D. Sebastião morreu em 4 de Agosto de 1978, em África. O seu cadáver que ninguém viu enterrou-se por si próprio na lama das margens dum rio, no local inóspito e longínquo onde a sua perturbação o conduziu. Fez tudo por si e só por si, na vida, incluindo o seu próprio funeral. Desde a sua primeira infância que ninguém fez nada por ele, embora na aparência tudo se passasse de outra forma. Morreu comandando um grupo de aventureiros, fidalgotes e maltrapilhos seus lacaios, e permanece em traje de guerreiro, o único traje que usou em toda a vida embora só o formalizasse de facto nos últimos anos. Nessa data e nesse local travou a última das inúmeras batalhas para que sempre correu e que a sua doença, a doença da idealização, o obrigou compulsivamente a repetir. Travara muitíssimas anteriormente, contra tudo, contra todos, contra si próprio sobretudo, de forma mais vincada a partir dos 14 anos, idade em que, definitivamente aclamado rei, mais facilmente se lhe proporcionou a busca daquele risco provocado que os seus fantasmas im-

punham sem cálculo prévio, risco tanto mais excitante quanto mais próximo da morte se pudesse situar. Cada risco ultrapassado era rapidamente considerado menor por insatisfatório. Havia que provocar sempre um outro e um outro, cada vez mais excitante, em busca desenfreada, até que uma verdadeira satisfação pudesse ser conseguida. Era essa excitação que no fundo procurava, erotizando o medo e a angústia profunda que constantemente o assaltavam quando estacionado, sem gestos, não podia naturalmente deixar de ser confrontado com o seu próprio pensamento. Pensar era intolerável, estar parado, do mesmo modo. Parar era morrer, dizia-me, utilizando as frases feitas dos seus mentores; parar é pensar dizia-lhe eu; mas eu tenho medo de pensar respondia-me. Parar era morrer — para não morrer, provocava a morte até morrer, podemos facilmente concluir. A morte era a excitação suprema, o único prazer verdadeiro, a única satisfação verdadeiramente orgástica.

Dizem-me os seus coevos da batalha final, uns tantos aristocratas escapados na fuga desordenada que se lhe seguiu, da sua estranheza ao verificá-lo absorto e como que em êxtase, quando já sem combater se encaminhava para a frente, lentamente, frontalmente, de cabeça levantada em perfeita erecção, com passo seguro, na certeza de tudo perdido, em direcção aos inimigos que forçosamente o haviam de penetrar com as suas armas. O seu porte na altura era precisamente o mesmo que originara anos antes, no Colégio, a sua alcunha de King Size — o de um pegador de touros de mãos seguras atrás das costas, altivo, a encaminhar-se para o inimigo. Estava finalmente sereno, já podia adormecer — morrer. Só naquelas circunstâncias terminais pôde conseguir aquilo que a maioria das pessoas consegue em noites de amor, as noites que nunca teve.

Tenho boas razões para pensar que D. Sebastião teve apenas um orgasmo na vida, acontecido nessa altura, no intervalo entre

a certeza da morte e a própria morte. As características da sua personalidade e o conhecimento da sua história tudo apontam nesse sentido, até porque era isso que intimamente procurava sem nunca o ter conseguido. Só com um tal preço, um preço definitivamente mortal, pôde realizar esse encontro fantasmaticamente satisfatório, no limiar da morte que conduz a reencontros seguros além-túmulo, mas englobando-a já completamente. O orgasmo permanece mesmo aí defendido, porque já não é sentido no corpo — esse já morre — mas no espírito, a caminho do outro mundo a que se destina. Nesse intervalo aconteceu a tal serenidade, contraste flagrante com a agitação violenta que anteriormente o dominava. Foi nesse intervalo também que pronunciou a famosa frase — «morrer mas devagar» — últimas palavras que lhe ouviram os companheiros já de costas voltadas e fugindo desabaladamente para trás, enquanto ele fugia para a frente.

A interpretação que historiadores benévolo têm dado a essa expressão, que significaria o grito patriótico de quem não se rende e luta até ao fim mesmo com tudo perdido, deve-se apenas ao facto de escreverem à posteriori e de o não terem conhecido pessoalmente.

Em que teria medo de pensar D. Sebastião? Tratar-se-ia certamente de algo extremamente complicado e angustiante — ninguém procura riscos até à morte sem razões altamente investidas, que o grau de risco tem de ser proporcional ao grau da sua necessidade.

Através da névoa da sua história nisto poderemos reflectir.

IV

D. Sebastião King Size nasceu em 20 de Janeiro de 1954 na zona industrial do Norte de Portugal em circunstâncias familiar-

mente invulgares que determinaram desde início muita da sua organização psicológica perturbada.

Nasceu filho dos avós. Os «pais», pelo menos aqueles que no seu romance familiar considerava como verdadeiramente seus pais, tinham morrido 15 anos antes do seu nascimento e eram os filhos mais velhos dos seus reais progenitores. Só decorrido esse tempo após a morte dos 2 filhos, acontecida em condições trágicas (um rapaz e uma rapariga cuja memória toda a gente em casa recordava constantemente) os pais-avós se tinham dado à obrigação de produzir aquele novo rebento fora de época. Os pais, ele com cerca de 60 anos, ela com quase 50, não estavam realmente para essas maçadas, não só pela idade, mas porque tinham outros negócios bem mais importantes para se ocuparem. Acabaram por se decidir e conseguiram, dizendo-se em busca de reparação da ferida advinda da morte dos outros, mas na realidade obedecendo à pressão dos conselheiros. É que havia uma enorme fortuna em jogo que não deveria em caso algum ser entregue aos primos rivais de Espanha, que nenhum afecto por eles manifestavam e apareciam de longe a longe, farejando hipocritamente os rendimentos e domínios que consideravam como seus. Oficialmente nunca nenhum filho foi tão desejado — chamaram-lhe o desejado, porque seria o salvador e o continuador da família — mas também nenhum desejo foi tão claramente mentiroso. O desejo comum dos pais vulgares que em circunstâncias normais amam fantasmaticamente o filho mesmo antes de o terem visto, estava neste caso completamente perturbado. Aqui o desejo era sobretudo um desejo contra alguém, contra os primos rivais — não desejavam o filho, apenas desejavam liquidar os outros — o filho era o objecto intermediário para a consecução desse fim. Filho mal amado por dentro, muito desejado aparentemente por fora, é nesta contradição fundamental que o seu sistema rela-

cional e o seu narcisismo evoluem deficitariamente, montando defesas precoces fixadas às quais regride constantemente.

Se alguém o desejou de facto foi a criadagem ingénua, na crença invariavelmente repetida e insuflada pelos processos mais sugestivos, de que os primos-rivais eram de facto uma espécie a abater, porque se tomassem conta das fábricas todos seriam enxovalhados e perderiam o emprego. Para a criadagem tratava-se, além disso, de procurar alegrias substitutivas através das festas que necessariamente animariam o acontecimento e que algum benefício certamente lhes trariam, dados os tempos difíceis que eternamente por cá se vivem.

Este pai-avó era extraordinariamente rico. A fortuna vinha de trás, obtida por antepassados em eficazes arranjos, só lavados depois de feitos, na indústria e no comércio de ouro, marfim, especiarias e escravos. Ele, algo passivo, só a custo a tinha conseguido gerir embora já com alarmantes perdas. Homem de pouca acção, contrariamente à tradição familiar, dizia-se escrupuloso e por isso entregou muitos dos seus negócios a procuradores nem sempre fiéis. Preferiu ocupar muito do seu tempo na defesa e na prática duma actividade religiosa que obsessivamente cumpria e fazia cumprir, ainda que para isso se tenha visto obrigado a utilizar processos inquisitoriais. Temente a Deus de forma extremada, «Piedoso» por vocação defensiva e por definição, morreu 3 anos após o nascimento do filho, deixando-o ainda mais órfão do que já era anteriormente.

Morreu no entanto de consciência tranquila, envolvido em água-benta, porque o sabia entregue à mãe-avó que cumpriria fielmente o seu desígnio mais querido — que lhe fosse dada uma educação religiosa até ao mais elevado grau, obrigatoriamente nos Jesuítas. A preferência vinha dos largos e antigos interesses comuns.

E assim se fez.

V

D. Sebastião tornou-se muito devoto com a educação que foi recebendo e assim se manteve toda a vida, mesmo depois de outro tipo de preocupações passar a dominar o seu espírito. Ouvia missa diariamente e duas vezes ao Domingo, gostando imenso no princípio de fazer de sacristão.

Menino beato e protegido, era no entanto diferente dos rapazes da sua idade no convívio do Colégio. Sempre estranho, tinha medos inexplicáveis que reactivamente desencadeavam as imensas birras que desde criança se habituou a fazer e em grande preocupação deixavam os seus directores. Tinha um figura esquisita, de baixa estatura, um tanto displástico, com um ombro mais alto que outro. Queria ser o primeiro em tudo, não o conseguindo em quase nada, mas, dada a sua condição, atribuíam-lhe vitórias fictícias que aceitava como verdadeiras sem perceber...

Chamavam-lhe rei em casa e no Colégio chamavam-lhe King, dando ares de modernidade. Chamaram-lhe mais tarde King Size, de forma algo trocista mas que bem se coadunava à sua maneira de proceder. Eram cruéis ao fazê-lo e por isso repudiava em princípio, mas depois investiu-se como tal, superando por cima, com arrogância, o sentido que lhe queriam dar. King Size era uma ironia ao seu tamanho pequeno que procurava resolver em bicos dos pés, mas os outros ao fazê-lo não tinham conhecimento da ressonância profunda e da amargura que o facto em si mesmo lhe despertava.

Foi no início da adolescência e na fase de angústia do pénis pequeno, quando um dia se atreveu ostensivamente a meter dentro das calças apertadas que todos os rapazes usavam, um pedaço de espuma de borracha no local adequado, e se passeou garbosamente entre os colegas como um pegador de touros em momento solene, com a praça cheia, de mãos atrás das costas e saliências voltadas *provocatoriamente na direcção do*

inimigo, que o cognome se fixou definitivamente e nunca mais se lhe chamou outra coisa. Passada a troça ficou o título, constantemente utilizado. Algum tempo depois, já ninguém se lembrava do facto que o tinha originado a não ser ele próprio, quando em momentos de insegurança sentia as pernas a tremer face às dúvidas de si mesmo que avolumava frequentemente. Tinha de lançar mão ao bocado de pénis presente, pensando-o acrescentado dum pedaço ausente, acalmando-se desse modo por instantes, sobretudo nas noites de insónia em que assaltado pelos fantasmas e angústias do seu pensamento obcecado, se mexia e remexia, agarrando os órgãos genitais que pensava apodrecidos, numa infelicidade sem fim. Falava-me na tragédia passada nesses momentos, com uma intensidade tão grande, vivida de tal forma e com tal expressão de dor, que insensível seria não ter uma palavra tranquilizadora, embora eu tivesse a certeza vinda da experiência com ele, que essa palavra seria imediatamente rejeitada porque representaria afinal uma prova na realidade do seu próprio sofrimento. Sofria mas não queria que se soubesse, nem eu mesmo, seu confidente privilegiado e certamente único — desejava-me sobretudo como prolongamento mudo de si, como um espelho que reflecte a sua imagem projectada mas se mantém sereno e prudente apesar disso, que não oscila sequer e muito menos dá mostras de ficar destruído por aquilo que é obrigado a devolver. O interior do espelho escondido atrás da face brilhante utilizável só poderia continuar a sê-lo se houvesse a certeza, para ele, duma segurança total e as palavras tranquilizadoras eventuais traduziriam dúvidas sobre isso. Não era fácil, diga-se de passagem, em certos momentos aguentar a situação, apenas possível da minha parte pela verificação clara da sua indispensabilidade e pelo estranho fascínio que D. Sebastião King Size em mim próprio, como em toda a gente, afinal provocava.

Só esse fascínio justifica, aliás, a manutenção da sua imagem, agora e no futuro. Fascínio que acontecia apesar de todos os seus defeitos, apesar da sua arrogância instituída, dos seus modos insolentes e provocatórios, da sua famosa má criação, da agitação que em tudo e em todos sempre provocava, da vontade que em toda a gente despertava de lhe partir a cara, coisa que nunca ninguém fez. Para esse fascínio terá de haver uma explicação que só agora procuro rememorando. O seu traço mais significativo parece-me situar-se no facto de que Sebastião era grande em tudo... tão grande quanto toda a gente deseja ser e por isso nele fascinadamente se revê... excepto em quase tudo. Era grande no tamanho sendo pequeno, era grande na sexualidade sendo misógino, era grande na agressividade sendo medroso, era grande na inteligência não conseguindo fazer o liceu, era grande no patriotismo não sabendo sequer o que isso era, era grande como chefe de bando sendo o mais necessitado do grupo, era grande na fortuna vivendo constantemente em tragédia interior. Camões que o conheceu, ao chamar-lhe maravilha fatal da nossa idade, não estava apenas a ser o poeta faminto à procura duma tença anual de 15 cruzados e dum escravo mouro para lhe transportar a mala. A sua tirada laudatória na qualidade de corifeu dos intelectuais do tempo, não era só retórica inconsequente; traduzia um verdadeiro sentimento pessoal, comum de muita gente, por ele realmente mobilizado.

O seu encanto baseava-se na sua grandeza e na sua pequenez, na cristalização destas duas facetas na forma mais ambígua e por isso mais conseguida que imaginar se pode. Ninguém tolera a arrogância num adulto sólido, que dela faça uso a todo o momento porque só desperta agressividade, mas toda a gente a tolera num adulto-menino pobre. D. Sebastião King Size nunca deixou de ser menino frágil, carente de estima e dependente dos outros, despertador de instintos

maternais, embora os rejeitasse imediatamente. Era e não era e toda a gente lhe perdoava o que era, pela ressonância interior que a outra parte provocava no interlocutor, perdoando-lhe este ao mesmo tempo o que não era pela mesma razão. Como em cima de tudo isso tinha de facto um poder enorme, o poder de um rei, as condições conjugavam-se para que tudo acontecesse em conformidade. Tinha o fascínio dos opostos conjugados em dose eficaz, tanto quanto baste para que a outra parte se vislumbre, sem que a parte mais relacionável com o interlocutor ou com o grupo, deixasse por isso de ser prevalente, à medida de cada um. Era o fascínio do inocente perverso que toda a gente contém dentro de si, sem o poder agir. D. Sebastião era a nossa saudade, a memória da nossa infância, a memória dos tempos idos, concretizada em forma de adulto agido, sem deixar por isso de ser inocente menino. Cristalizava em si mesmo e na nossa projecção o desejo proibido e recalcado, sem a respectiva culpabilidade, porque era ele quem fazia.

Quando me interrogo sobre as vicissitudes que o levaram a organizar-se caracteralmente dessa forma, recordo dois factos que me referiu de modo bastante lacunar e sobre os quais, com certas reticências, me permito alongar-me um pouco. O primeiro refere-se ao estranho corrimento uretral que sempre o affligiu a partir dos 12 anos, de origem gonocócica segundo os médicos, e sobre cuja origem não se me quis pronunciar. Sei apenas que constituía problema íntimo permanente. O seu pobre pénis pequeno, enlameado todas as manhãs, um bocadito de apêndice encorilhado e semipôdre, constantemente o preocupou e originou em elevado grau toda a angústia que o dominava e as reacções permanentes que constituíram o todo da sua vida. O corrimento aumentava sempre que fazia esforços violentos e os médicos não conseguiam terapêutica adequada. Os mais próximos sabiam disso e cochichavam. D. Sebastião não podia com-

pletamente esconder a sua indecente infelicidade e também nunca perdoou aos que, por obrigação ou proximidade, do facto tinham conhecimento. Trouxe aquilo do colégio não se sabe bem como. Sempre o pensei de origem psicossomática.

O segundo facto, mais velado ainda e mais significativo portanto, consistiu na única relação de proximidade genital de toda a sua vida. Não direi relação sexual porque todas as reservas são possíveis e chego mesmo a pô-lo em dúvida pela forma como o descreveu e pelos conteúdos circundantes do seu relato, pensando que poderia perfeitamente ter sido apenas um sonho. Não posso disso ter a certeza o que também não terá importância de maior — no seu pensamento, pelo menos, aconteceu de facto. Tinha 14 anos, pouco antes de ser aclamado rei. Dado como era à prática religiosa, tinha o seu director espiritual que o acompanhava por toda a parte. Este era professor de Grego e investia na profissão a sua própria identidade. Pelo menos racionalizava dessa forma para justificar alguns instintos menos confessáveis — já que era professor de Grego antigo, procedia como um grego antigo, iniciador de jovens efebos. Em Agosto de 1968, tentando purificar os ruídos chegados de uma Europa desde Maio fora de lei, através de retiros espirituais, deslocaram-se a Viena de Áustria, na intenção de passar um mês em ambiente recolhido. Era um grande grupo, habitando em mansão apropriada. Fazia calor... um dia à tarde a sedução aconteceu... entre dois sonos... entre dois sonhos... entre dois homens... À hora da sesta.

Na sequência passou um longo período confuso, atordoado. Em tal estado que nem se deu conta, no mês seguinte, que uma cadeira, rompendo com a tradicional passividade para que tinha sido criada resolveu tomar papel activo determinante na vida da Pátria. Não se deu conta do facto, nem dos seus prejuízos.

VI

Em boa verdade, só meses depois pôde ressentir emocionalmente o acontecido em Viena. Dele resultou um nojo violento sobre si que consolidou o nojo que já sentia pelos outros. Este facto associado ao anterior determinou fundamentalmente toda a sua conduta a partir de aí. A adolescência, de que nunca saiu, viveu dessa memória, sempre até à morte, sabemos hoje. Na sequência passou a tomar enormes precauções em relação a tudo o que lembrasse sexualidade. Mesmo à mesa não se permitia sequer a ideia de acidentalmente tocar a mão da criada que o servia, passando a utilizar guardanapos de permeio sempre que fosse necessário prevenir a hipótese de isso acontecer. Sexualmente nunca mais se lhe conheceu mulher nem homem; também nunca se masturbou. Numa espécie de rotação tumultuosa, por dentro e por fora, passou a travar dentro de si uma guerra feroz entre impulsos contraditórios donde pouco a pouco foi descortinando uma resultante. Entre a passividade e a luta escolheu a luta, entre a dependência e a autonomia escolheu a autonomia, entre a depressão e a hipomania escolheu a hipomania, entre o masoquismo e o sadismo escolheu o sadismo, entre a relação de objecto e o narcisismo escolheu o narcisismo, entre a homossexualidade e a heterossexualidade escolheu a heterossexualidade... mas com uma condição, a de a não exercer. Se arranjasse uma mulher todo o equilíbrio conseguido se estragava, se arranjasse um homem tudo aconteceria da mesma forma. Não exercia a sexualidade aparentemente para cumprir os preceitos religiosos dum pai interditor e piedoso e duma mãe assexuada, mas no fundo para não arriscar um equilíbrio precário que apenas dessa forma poderia ser assegurado, se o fosse. O perigo rondava constantemente, ele sabia disso e todos os alertas não seriam demais. Os alertas tornaram-no extremamente vigilante porque constituíam a única

profilaxia da sua saúde mental e tornaram-no casto, imensamente casto e virtuoso, o que aumentava claramente o seu fascínio e o seu poder modelar sobre os outros, sem que intimamente o desejasse como é óbvio.

Procedia sempre no fundo como se fosse um homem e um modelo de determinadas virtudes, como se fosse alegre, como se fosse independente, como se não tivesse medo, numa máscara de falsa identidade, porque não podia «proceder» de forma diferente sem correr os riscos intensos, graves e angustiantes, de se aproximar da sua própria desintegração pela fragilidade que constituía a nota dominante da sua organização pessoal. Os seus acentuados medos infantis, traduzidos nas fobias múltiplas de que sempre padeceu, iam sendo mascarados em avanços sucessivamente penetrantes em horizontes desconhecidos e por isso mesmo temidos. Não conseguiu durante muitos anos descortinar dentro de si e na realidade com os outros, em forma projectiva, um inimigo localizado, um inimigo principal, que pudesse constituir o alvo das suas fobias e da sua eventual superação, por insuficiente organização do imago respectivo que constitui sempre em última análise e no inconsciente a imagem do pai. Este, além de ausente e passivo, tinha-o de facto abandonado aos 3 anos, morrendo, e não podia constituir modelo de identificação capaz nem objecto interno seguro. Ao mesmo tempo nem sequer pôde ser idealizado capazmente, não merecia isso no consenso circundante, e os seus continuadores e substitutos na função tinham como único afecto os chamados negócios de Estado ou outros. A fraca imagem do pai era então superada por um ideal, mas um ideal que o não incorporava e por isso mesmo mantido megalómano e infantil. Na outra face do drama havia uma mãe tenebrosa que nunca verdadeiramente dele se ocupou, completando um sistema relacional frágil, precário e desequilibrado. A única solução era refugiar-se dentro de si mesmo e viver tanto

quanto possível em atitude geral narcísica, com a margem restante do sistema de relação com os outros organizada em esquema fóbico com todas as vicissitudes e raivas que o facto em si mesmo comporta. Por aí conseguia um relativo equilíbrio e dissolvia alguma ansiedade. Se conseguisse, em vez de ter medo ou raiva de tudo e a todos, focalizar alguém elegendo-o como inimigo principal, uma pessoa, uma ideia ou uma situação, isso representaria algo de extremamente importante porque assim já poderia dispor em forma muito mais livre de quantidades de energia até então utilizadas em sistema perdido na dispersão e no narcisismo. Eleger um inimigo e investi-lo seria um grande avanço psicológico para o seu equilíbrio — seria o mesmo avanço estabilizador que levou os povos do politeísmo ao monoteísmo. Esse inimigo único, localizado no exterior, passaria a constituir uma espécie de solução, um ponto-arranjo na construção da identidade, se o externo e o interno se interpenstrassem de forma suficientemente balanceada para não serem nem uma coisa nem outra e as duas coisas ao mesmo tempo. Constituiria um ponto fixo fantasmático em que a introjecção do externo e a projecção do interno se podiam harmonizar, se confundiriam em mútua conjugação, perdendo as características de realidade externa e de realidade interna. Nesse ponto o fóbico não distingue exactamente o que pensa daquilo que lhe é de facto exterior. Projecta e recebe o reflexo do projectado sem saber exactamente o que se passa e assim resolve muita da fobia generalizada, criando algo que a substitua. Esse substituto terá forçosamente de ser altamente investido para se poder manter, e a sua manutenção será vital para o interessado. Mantê-lo é possuir alguma saúde, a saúde possível, é evitar a deflagração da angústia generalizada e a despersonalização, é evitar em última análise as potenciais fantasias desintegradoras de que tem experiência no passado e cujo afloramento mnésico desencadeia as sucessivas

manobras defensivas no presente. Tudo isto em função da enorme fragilidade interior.

Podemos dizer que a criação deste inimigo principal constitui uma evolução do fóbico no sentido da paranóia mas que, fica a meio caminho. Soluciona uma boa parte da fobia, mas não entra ainda em sistema delirante, porque fica num ponto intermédio que tem de ser mantido contra ventos e marés, contra todas as evidências se necessário for, porque constitui justamente a solução pessoal entre dois males muito maiores por muito mais angustiantes — a fobia generalizada ou a clivagem com o sistema da realidade externa. Esse inimigo terá obrigatoriamente duas características — deve estar longe e não à mercê dum possível encontro (o melhor será uma ideia corporizada em geografias longínquas) e tem de obedecer aos registos sócio-culturais circundantes, ou pelo menos ser por eles aceite em grande parte, de modo a possuir suficiente credibilidade para que o seu agente confrontador possa a vir ser considerado herói. Muitos dos rígidos defensores de certas concepções sociopolíticas, nomeadamente daquelas que exigem uma espécie de profissão de fé que está para além da razão, assim como muitos dos seus contraditores igualmente colocados na fé mas em sistema de contra-fé, têm organizações internas semelhantes. A carapaça caracterial defensiva é mantida a todo o custo porque representa a solidez que lhes faltaria de outro modo.

VII

D. Sebastião King Size tinha necessidade de descobrir-inventar um inimigo principal que não podia obviamente deixar de se localizar nos inimigos da fé e da pátria que estavam longe. A sua descoberta levou anos, num processo de elaboração lenta e difícil não isenta de sobressaltos, acontecidos sempre que a sexualidade, inconscientemente apetecida mas drasticamente reprimida, uma vez por outra reclamava os seus direitos. Durante o dia ainda lhe era relativamente

possível a contensão, mas durante a noite tenebrosos sonhos e pesadelos retomavam o tema e as suas exigências. Datam deste período os sonhos-pesadelos, as insónias e as inquietas deambulações nocturnas. Saltava da cama aos gritos, descontroladamente, agitava-se pelos corredores do palácio, tacteando na escuridão objectos metálicos, armaduras, espadas e outras armas a que se agarrava febrilmente porque tinham o condão de o acalmar. Brandia-as com ferocidade tentando penetrar os fantasmas da sua imaginação, retaliando o medo de por eles ser penetrado. Como um louco, dizia a criadagem, fazia gestos e arreganhos, corria, gritava, espumava-se, não tolerando qualquer aproximação. Batia no chão com os pés, com as mãos, com a cabeça, numa espécie de convulsões, em desespero demorado até à exaustão, terminando com gemidos soluçantes que se esfumavam no caminho do silêncio, a chamar pela mãe que não vinha, como nunca tinha vindo na sua infância. Adormecido finalmente, restava no dia seguinte a enorme vergonha de ter sido visto nesse estado, e não havia conselheiro ou conselheira, incluindo famosos neurologistas que chegaram a pensar em epilepsia, que dele arrancassem palavras esclarecedoras. Fechado em mutismo desdenhoso foi pouco a pouco percebendo soluções — não daria mais sinais de fraqueza, nem aos outros nem a si próprio. Nas tais noites passou a sair sozinho pelas matas, escapulia-se em correria ao longo da escuridão, enfrentava tudo incluindo árvores e sombras, tropeçava, esfarrapava-se, regressando depois sem outro eco além da roupa estragada que era coisa de somenos. Ninguém via, ninguém sabia, não havia contas a prestar.

Nas noites de nevoeiro, preferia seguir até ao rio Douro, que ficava próximo e atravessá-lo na sua lancha a toda a velocidade, correndo grandes riscos pela falta de visibilidade. «Os meus olhos são os meus faróis nessa altura e o meu radar», afirmava-me

certa ocasião. Mas aquilo que lhe acontecia inicialmente apenas de noite e em reacção agressiva aos pesadelos sexuais, foi tomando pouco a pouco forma de estado. Passou a ser agido durante o dia, para assim prevenir a noite, para assim poder dormir — o dia passou a ser um resto nocturno continuado, a noite um resto diurno prolongado.

Na evolução do processo passaria apenas a haver ele dum lado e o mundo do outro, duas forças sensivelmente iguais em seu entendimento que se bateriam sem limite de tempo e sem tréguas, numa guerra sem perdão até ao esgotamento final, até à morte. Para isso teria de fazer uma preparação adequada, com reforços interiores consecutivos, vitórias consecutivas. Nada melhor para isso do que iniciar o cambate. Começou com os animais domésticos sucessivamente destroçados e partidos aos bocados, primeiro as galinhas, depois os galos, depois os rafeiros, até chegar aos lobos de Alsácia que defendiam as propriedades. Verificada a insuficiência da caça seguir-se-iam naturalmente os criados, mas como não estávamos em tempo disso, viu-se forçado a arranjar substitutos. Datam deste período as famosas tentativas de levantamento dos cadáveres dos seus antepassados no cemitério de família e as tentativas pouco duradouras porque não seguidas dos êxitos que antevia, de ser cavaleiro tauromáquico, matador de touros ou corredor de automóveis. Matava pouco por aí e os aplausos não eram grande coisa. É nessa altura que comigo trava conhecimento, no episódio da motocicleta e só agora me dou conta do risco por que passei. A sua tendência também aí não foi conseguida, vejo agora que só por mero acaso. Ensaios e tentativas falhadas foram adiando o desejo para melhor ocasião. Diga-se desde já que em África, na campanha onde morreu, dificilmente conseguia esconder a si próprio e aos outros o prazer que sentia ao verificar os esquarteramentos que alguns soldados executavam no inimigo, apesar de aparentemente reco-

mendar que o não fizessem. Ligado a isto está com certeza o facto, até aqui mal explicado de, na sua campanha se fazer acompanhar por um grande número de violas e guitarras. Aquilo era uma festa, seria uma festa, uma orgia de contornos sado-masoquistas conducentes ao orgasmo só possível dessa forma. O seu medo, o seu enorme e profundo medo da sexualidade, nessa fuga para a frente regressivamente se compensava.

VIII

D. Sebastião King Size descobriu finalmente o inimigo principal salvador da sua integridade psicológica, passava já dos 20 anos, depois do 25 de Abril de 1974. O seu caminho anterior pautado pela ansiedade difusa e pelo comportamento de que apon-tamos alguns traços significativos, traduzia-se numa vida quase inútil de fidalgo espancador ocupado na caça, em constantes brigas e na religião. Nunca se interessou verdadeiramente pelos negócios de Estado, nem pela política que o maçava, apesar de uma ou outra atitude ocasional que pareciam encaminhar-se nesse sentido, mas que representavam apenas decisões movidas pela necessidade de afirmação de si. Os seus conselheiros sabiam disso bastante bem e por isso lhe suportavam as agressões sem grande sacrifício, na certeza de por esse meio se arranjamem como verdadeiros donos de tudo. Estrategicamente fez constar que procurava casamento, o que lhe estava manifestamente vedado, para assim obter adiamentos no assumir de certas responsabilidades que em princípio lhe estavam conferidas. Divertia-se no seu jeito sádico, só tolerado pela sua posição e pelo fascínio que apesar de tudo exercia nos circunstantes, vivendo sem amigos, sem amigas, apesar de constantemente rodeado. Não se lhe pôs sequer o problema do serviço militar, como é de norma.

O 25 de Abril deixou-o em princípio soberbamente indiferente. No entanto, com

o decorrer dos tempos, a partir de 1975, desempenhou o papel catalizador do seu processo íntimo, da sua solução e de todos os seus movimentos até à morte. Proporcionou-lhe circunstancialmente o alvo procurado, corporizado nos inimigos da fé e da Pátria que tinham abandonado aos mouros pedaços grandes de território que com tantos sacrifícios os seus avós tinham conquistado. Os pedaços de território eram bocados de si, inalienáveis em absoluto porque representavam textualmente o bocadito a que se agarrava nas noites de insónia como dissemos atrás, já de si pequeno e que não podia ser ainda reduzido.

Lentamente, tudo se foi tornando claro no seu espírito e a missão heróica para que estava conjugado foi tomando forma de contornos irreversíveis. Era preciso reconquistar Angola e nada melhor para isso do que aproveitar as dissidências entre os dois reis que após a independência a partilhavam. Longo tempo teve de passar até conseguir arranjar um exército secreto, composto de fidalgos, mercenários e maltrapilhos, que embora mal organizado, mal treinado e sem experiência, um dia desembarcou no Norte e se alongou terra dentro, aliado com um dos contendores. O aventureirismo inconsequente era claramente criticado pelos seus mentores que no entanto nada conseguiram no sentido de o demover duma tal empresa. Chamava-lhes cobardes e ostentava o seu desprezo pelo perigo e a sua temeridade. A ideia, a ideia salvadora de si e que, tentava fazer crer, seria igualmente salvadora da Pátria, não podia ser rebatida por isso mesmo.

O encontro com o inimigo efectivou-se... o combate aconteceu... a plenitude orgástica estava próxima... a morte chegou... A história completa não pode ainda ser contada... a sua proximidade no tempo envolve segredos de estado que importa preservar... a lenda vai começar. Do brilho do seu heroísmo decadente se encarregarão os cronistas no futuro.

Foi num dia de calor africano, nas margens de um pequeno rio quase seco... havia pó, suor, sangue e lama, sobretudo muita lama... às 3 da tarde, à hora da sesta... em 4 de Agosto de 1978.

Nunca ninguém até agora tinha conseguido compreender a sua obstinação, contra a opinião de todos, em provocar o combate para aquela hora, a pior de todas pelo calor a que não estava habituado... a hora da sesta retida na sua memória.

IX

Ano 2383. 400 anos volvidos discute-se D. Sebastião King Size, o Sebastianismo King Size que dele decorre e a sua influência na história dos portugueses dentro e fora de Portugal. Intelectuais dirão que Sebastião analisado deixa de significar rei, e, despojado de dimensão temporal é finalmente livre para reencontrar o único reino que alguma vez legitimamente lhe pertenceu — o reino da fantasia. Mas nem todos estarão de acordo — no Sebastião de cada um insinua-se o Sebastião inconfessado em cada um.

A batalha final toma o nome de Nambuanguo e nela se revêem os projectos não cumpridos, as decadências não toleradas e os sonhos enevoados de quem acorda com pouca vontade de trabalhar.

Sebastião repete-se, o homem repete-se, Portugal repete-se e Nambuanguo é a sua marca registada, grito silencioso em ritmo inconscientemente cadenciado, como antes fora Alcácer-Quibir.

O presente nunca investido ressuscita eternamente o passado, defendendo-se do futuro em forma de adiamento continuado.

Cronistas nem sempre fiéis na observância das datas, descubrem-lhe o seu Camões transformado em Fernando Pessoa. Este tê-lo-ia cantado na sua versão Sebástica e só em momento de mau humor teria dito pertencer àquele povo, ... os portugueses ... «que depois das descobertas se encontram desempregados». (Fernando Pessoa)